

MERCADO DE CAPITAIS

CAPITALABERTO

Bolsa cobra até R\$ 850 mil para manter empresas listadas

Segundo o presidente da Abrasca, o maior e desnecessário custo cobrado das companhias é o da divulgação de balanço no "Diário Oficial"

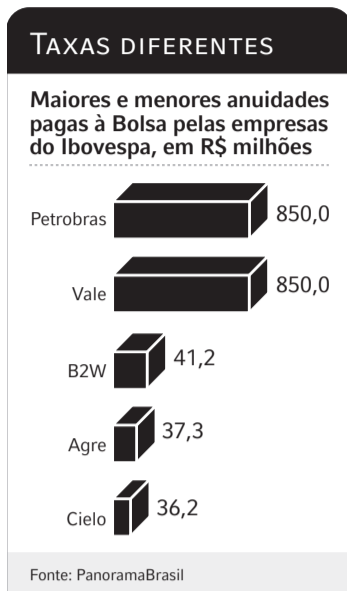
SÃO PAULO

A falta de concorrência da Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros (BM&F Bovespa) faz com que a companhia cobre taxas consideradas altas para manter a condição de companhia aberta das empresas interessadas em participar do mercado acionário brasileiro. Segundo levantamento realizado por este jornal, somente as empresas que fazem parte do Ibovespa, o principal indicador da Bolsa brasileira, pagam, por ano, aproximadamente R\$ 16,7 milhões para manter o registro de companhia aberta.

"É um mercado sem concorrência. É uma preocupação mundial, como é o caso da Austrália, que abriu concorrência para novas plataformas onde as empresas podem negociar suas ações", explica Ashley Charles Jenner, diretor de Investimentos da Astra Investimentos Ltda.

De acordo com o especialista, esta concorrência pode reduzir o custo de operação até 70%. "Mais cedo ou mais tarde, se o Brasil continuar sendo importante no mercado de bolsa, terá de abrir a concorrência para outra plataforma", diz Jenner.

O documento de anuidade da



própria BM&F Bovespa mostra como é feita a cobrança da taxa. O valor é calculado somando-se a parte fixa, de valor de R\$ 35 mil, mais a parte variável, aplicando-se a alíquota de 0,00473% sobre a diferença entre o capital social da companhia, homologado no ano anterior, e o valor de R\$ 50 milhões determinado pela Bolsa.

Ou seja, o capital social da companhia é subtraído de R\$ 50 milhões, multiplicado pela alíquota de 0,00473% e somado ao valor fixo de R\$ 35 mil, nunca ultrapassando o valor máximo cobrado por ano de R\$ 850 mil.

Antônio Castro, presidente da Associação Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca), afirma que o valor cobrado está dentro do negociado anteriormente. "Não temos recebido reclamações das empresas em relação ao valor cobrado para manter uma companhia aberta. Este valor já

foi negociado em reuniões com a Bolsa e está dentro do que esperamos", explica Castro.

O diretor da Astra também concorda com que o valor não é alto. "Perto do que uma companhia consegue captar no mercado de ações, este valor é pequeno. Vale lembrar que a BM&F Bovespa não é uma ONG, mas uma empresa com fins lucrativos", acrescenta Jenner.

Além da anuidade cobrada pela bolsa brasileira, as empresas são obrigadas a divulgar seus balanços em veículos de circulação nacional e no *Diário Oficial da União*. Este segundo causa muito desconforto às companhias. "Só em publicação é estimado um gasto de R\$ 2 milhões por ano para cada empresa", diz Jenner.

Castro vai além e critica a obrigatoriedade de publicação de balanço no *Diário Oficial*. "Dentro dos gastos da empresa, este é desnecessário. Ninguém busca informação no *Diário Oficial*", afirma o presidente da Abrasca.

Grande parte das companhias listadas na Bolsa está situada no Estado de São Paulo, onde é cobrado o maior valor pelo *Diário Oficial*. "Quem procura informação de uma empresa vai ao jornal especializado ao até mesmo ao site da empresa", diz Castro.

Embora a maioria das empresas seja contra a publicação no *Diário Oficial*, Castro afirma que alteração da regra está longe de vir. "É preciso haver uma mudança na regulamentação e tem de passar pelo Congresso Nacional. Lá eles vão empurrando com a barriga", afirma Castro.

→ ANUIDADE

«Não temos recebido reclamações das empresas em relação ao valor cobrado para manter uma companhia aberta»

ANTÔNIO CASTRO
PRESIDENTE DA ABRASCA

Segundo estudos recentes divulgados por empresas de consultoria financeira, o valor cobrado pelo *Diário Oficial do Estado de São Paulo* chega a custar até 9 vezes mais que o anúncio de um balanço em jornal de circulação nacional. "Acredito que o valor para a pequena empresa fique em torno de R\$ 1,5 milhão, chegando a R\$ 2 milhões para médias e grandes empresas", diz Castro.

O presidente da Abrasca diz ainda que 80% das empresas que estão na Bolsa preferem ficar no mercado brasileiro, negociando ações apenas no Brasil, por isso a cobrança tem de ser reduzida.

Vale destacar que além dos custos já colocados, as companhias são obrigadas a investir seus recursos em auditoria independente, publicação de atos societários, da área de relações com investidores, e escrituração de ações, entre outros.

EDUARDO PUCCIONI

Já publicamos 5.000 reportagens sobre

BOVESPA

Para mais informações sobre esse tema, use nosso buscador nos sites:

www.dci.com.br

www.panoramabrasil.com.br

BANCOS

Bradesco amplia diretoria executiva e troca Acar Pedro

SÃO PAULO

A saída, por motivos pessoais, do vice-presidente José Luiz Acar Pedro da diretoria executiva do Bradesco foi aceita pelo Conselho de Administração da instituição ontem.

O conselho aproveitou a reunião e ampliou a composição de sua diretoria executiva de 15 para 22 membros.

Os sete novos diretores do Bradesco são: Alfredo Menezes (Tesouraria), Alexandre Gluher (Gestão Corporativa), André Cano (RH, Treinamento e O&M), Josué Augusto Pancini (Rede de Atendimento Varejo e Prime), Luiz Carlos Angelotti (Controladoria), Marcelo Noronha (Cartões) e Nilton Pelegrino (Infraestrutura).

Segundo comunicado da instituição, a mudança tem por objetivo fortalecer o modelo de gestão do banco.

O comunicado informa que as vagas serão ocupadas por executivos promovidos da diretoria departamental. O cargo recém-criado terá a denominação Diretor Executivo Adjunto, e estes executivos trabalharão na mesma sala dos integrantes do conselho de administração e da diretoria executiva.

Além dessa reformulação no primeiro escalão do Bradesco, foram definidas várias mudanças que consolidam o mecanismo de rodízio de funções entre os diretores departamentais do banco.

"Nossa organização tem como cultura a valorização da carreira, que nada mais é que a pro-

moção continuada de pessoas, num sistema de sucessão de talentos", disse, por meio de nota, o presidente do Conselho de Administração do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco Cappi.

"Reforçamos o quadro executivo com novos expoentes da administração; ao mesmo tempo intensificamos o rodízio de funções para continuar o processo de formação de quadros com perfil multidisciplinar, preparando o futuro da organização", acrescentou o presidente executivo do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco Cappi.

A estrutura da diretoria executiva do Bradesco se completa com os seguintes membros e atribuições: vice-presidentes: Laércio Albino Cezar (Tecnologia e Infraestrutura), Arnaldo Alves Vieira (Cartões e Financiamento), Domingos Figueiredo de Abreu (Controladoria, RI e Tesouraria), Júlio Siqueira (RH, Treinamento e O&M), Norberto Barbedo (BBI, área internacional e Câmbio) e Sérgio Socha (Crédito e Produtos de Empréstimo); diretores executivos: Milton Matsumoto (Gestão Corporativa), Odair Rebelato (Varejo, Prime e Banco Postal), José Alcides Munhoz (Crédito e Produtos), Aurélio Conrado Boni (Tecnologia), Ademir Cossello (Marketing, Produtos e Serviços, e Acionistas), Candido Leonelli (Autoatendimento e Relacionamento com Clientes), Sérgio Clemente (Corporate, Câmbio e Empresas) e Maurício Linares (Tecnologia).

PANORAMABRASIL

SEGURADORAS

Venda de seguros cresce 16% no 1º semestre e soma R\$ 41 bilhões

O segmento de seguros de automóvel cresceu 16,6% nos primeiros seis meses, ao passo que o seguro de garantia estendida avançou 49%

SÃO PAULO

As vendas de seguros subiram 16% e somaram R\$ 41 bilhões no primeiro semestre deste ano, segundo números da Superintendência de Seguros Privados (Susep) consolidados pelo consultor Luiz Roberto Castiglione. No mesmo período do ano passado, as vendas somaram R\$ 35 bilhões. O lucro das seguradoras ficou em R\$ 4,2 bilhões, contra R\$

5,1 bilhões em 2009. Os dados não incluem o seguro-saúde.

O crescimento do crédito e das vendas no varejo puxou a procura por seguros no Brasil. O seguro de garantia estendida (que dá cobertura extra à do fabricante em eletrodomésticos e eletroeletrônicos) foi o produto que mais cresceu em vendas. A expansão foi de 49%, com prêmios de R\$ 786 milhões. O seguro prestamista (que

protege contra inadimplência em financiamentos e empréstimos bancários) movimentou R\$ 1,56 bilhão, com expansão de 22,6%.

O seguro de automóveis, que responde por quase 40% das vendas de seguros no Brasil, continuou embalado e cresceu 16,6%. Os prêmios somaram R\$ 9,4 bilhões. Já a área de grandes riscos registrou queda de prêmios. O seguro de risco de engenharia (que cobre a construção de fábricas, usinas e rodovias) caiu 27%, com prêmios de R\$ 228 milhões.

Castiglione acredita que o segundo semestre vai ser melhor

para o setor. "Historicamente, a economia apresenta maior crescimento no segundo semestre", destaca, em relatório. Além disso, nos próximos meses devem ser fechados grandes contratos de seguro: o maior é a apólice de riscos de engenharia para a Usina Belo Monte, no Pará.

Além de aumento das vendas, o primeiro semestre foi marcado por redução de sinistralidade e melhora de eficiência. O índice combinado de eficiência operacional (quanto menor, melhor) caiu de 95% para 93%. A sinistralidade caiu de 53% para 50%.

PANORAMABRASIL

BANCOS

Lucro do BES avança 15% até junho de 2010

SÃO PAULO

O Banco Espírito Santo (BES), segundo maior banco de Portugal em capitalização de mercado, informou que seu lucro líquido subiu 15% no primeiro semestre do ano, ante o mesmo período do ano passado.

De acordo com o balanço da instituição financeira portuguesa, os ganhos de negociações compensaram as margens mais baixas de outras operações.

O BES afirmou que seu lucro líquido aumentou para 282,2 milhões de euros (US\$ 363,1 milhões), ante os 246,2 milhões de euros do mesmo período do ano passado. Os analistas haviam previsto um lucro líquido

de 259,1 milhões de euros. Já a receita de juros líquida recuou 16% no primeiro semestre, em comparação com o mesmo período de 2009, para 546,3 milhões de euros.

A receita das negociações aumentou 27%, para 205,7 milhões de euros. As provisões para perdas com empréstimos foram reduzidas para 238,8 milhões de euros, de 325,1 milhões de euros nos primeiros seis meses do ano passado.

Atualmente com 7,99% das ações da Portugal Telecom (PT), o BES é o maior acionista da empresa, depois de a Telefónica ter vendido a maior parte de sua participação no banco.

AGÊNCIA ESTADO

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE - (SAA)

- Alterações Cadastrais
- Informações sobre sua assinatura
- Dúvidas e sugestões
- Solicitação de Exemplares

Entre em contato com nosso serviço de atendimento:

Segunda à sexta-feira das 7h00 as 18h00

5094.5200

(Grande São Paulo)

0800.770.3324

(demais localidades)



atendimento@dci.com.br

DCI